

Monica James

Empurrado para o Pecado

Tradução
Inês Castro

 Planeta

Mãe e pai... sou o que sou graças a vocês.
Adoro-vos.

Agora...

– Como foste capaz? – exclama baixinho a rapariga cujo coração acabei de partir em mil pedacinhos.

– Posso explicar. – Mas não posso. Não existe nenhuma explicação suficientemente digna que justifique estar aqui.

– Sim? – A lágrima solitária que desce devagar e traça o caminho pela sua face de porcelana sublinha que sou mesmo um verdadeiro sacana.

– Eu... eu... – Porra! O que estou a tentar dizer? Por onde começo? Quando foi o momento exacto em que tudo isto deu em merda?

– Tal como eu pensava. – Roda nos calcanhares e foge para a porta.

– Madison, espera! Escuta-me por favor.

– Porquê, Dixon? Para ouvir mais mentiras tuas!

– Maddy, por favor – suplico, estendendo a mão e agarrando-me ao braço dela como o homem desesperado que sou.

– Não! – guincha, recuando, e parece que o toque da minha mão lhe causa aversão.

– Não faças isso. Por favor, não faças isso.

A minha voz fraca trai o medo que sinto. Mas não quero saber. A única coisa boa e decente da minha vida está prestes a sair por aquela porta e não a censuraria se nunca mais voltasse. Ajoelho-me, suplico aos pés dela se for preciso, mas, em parte, sei que a coisa estava fadada a chegar onde chegou.

– Não faço o quê? – grita, com dedos trémulos a empurrar o cabelo comprido para trás.

Eu mereço isto.

Sou um homem promíscuo.

E sou um covarde.

Não mereço o amor deste *Angelo* lindo. Nunca mereci. Mas queria-o tanto que pensei: que se lixem as consequências. Mas, agora, agora dei cabo de tudo.

– Lamento. Não é o que tu pensas. – Mas é.

Eu *tinha* um encontro neste motel sórdido para conspirar com a irmã dela, uma irmã que representa mesmo o pecado.

– Espero que não seja o que estou a pensar, porque, se for, então não sei quem tu és.

Nunca houve palavras que magoassem tanto como as que foram acabadas de proferir.

– Sou o mesmo homem que era esta manhã. Sou o mesmo homem que te ama mais do que a vida. Isso não mudou. Nunca mudará – insisto, dando um passo em frente, precisando de lhe tocar. Mas ela retrocede, com repugnância no olhar.

– Diz-me só uma coisa... o que estás aqui a fazer?

Eu podia mentir. Quero dizer, é o que tenho feito. Mas quando já não conseguimos distinguir entre as mentiras que contámos e a verdade, está na altura de pôr tudo em pratos limpos.

O meu silêncio está a cimentar a minha culpa.

– Diz-me que isto não é o que penso que seja e esqueço que te vi aqui.

Tudo neste momento se intensifica: o relógio na parede quase sem cor bate a compasso com o meu coração agitado, a minha respiração pesada em sincronia com o vento forte que zurze lá fora, mas, acima de tudo, a torrente de lágrimas que escorre pelas faces de Madison está concertada com a minha alma que se afunda.

– Dixon? – O lábio inferior dela treme enquanto espera que eu remeie esta situação.

Todos os centímetros do meu corpo me estão a dizer para mentir, mas não consigo. Faço a única coisa decente que já fiz em toda a minha vida.

Não digo nada.

– Foi o que pensei – murmura, destroçada, passado um minuto de silêncio.

Os seus belos olhos verdes revelam apenas que se sente atraída quando abre a porta com um puxão.

– Adeus, doutor Mathews. Obrigado por seres o maior desgosto da minha vida – soluça, com a voz emperrada na garganta.

Há tantas coisas que quero dizer, mas não digo. Fico ali paralisado e vejo a melhor coisa que me aconteceu na vida abandonar-me. E, desta vez, faço o que é correcto.

Deixo-a ir.

Acto I
Antes...

Capítulo 1

Bolas

Dixon

– E depois ele disse... desculpe, preciso de um minuto – funga a *Loiraça* abrindo uma mão trémula.

– Leve todo o tempo que precisar, senhora Kibard. – Vou continuar a desenhar o esboço mórbido de um ursinho de peluche com o enchimento a sair.

Quando por fim recupera a compostura, continua:

– E depois ele disse... que se eu comprasse mais algum ursinho de peluche me abandonava. – Agarra-se ao seu ursinho de peluche sem olhos, escanzelado e com ar de doente, como se fosse um Cristo. – Acredita nisso?

Podes apostar o teu cu louco que acredito. Mas aceno calmamente, com ar impassível. Afinal, este é o meu trabalho.

– Não estou aqui para tecer juízos de valor, senhora Kibard. Vamos falar da razão por que tem um... fascínio por ursinhos de peluche.

Sim, isto é tão ridículo como parece, mas a loucura dela faz-me esquecer a minha.

Passaram-se dez dias. Dez dias inteiros durante os quais menti à pessoa mais inocente e mais honrada que já conheci. Dez dias em que me detestei mais do que pensava ser possível detestar.

Não sou uma pessoa boa, sei disso. Antes de conhecer Madison Roberts, andava a pôr em causa a minha humanidade, a questionar se de facto teria alguma vez tido qualquer moral, ética ou alma. Mas, durante um segundo, uma fracção de segundo, ela fez-me sentir que

talvez houvesse alguma esperança para mim. Que talvez pudesse ser um homem bom.

Porém, essa esperança foi directa para o inferno quando os pecados do meu passado me forçaram, sob chantagem, a ser um pequeno pau-mandado. E agora tenho as mãos atadas. Atadas por Juliet Harte, o Anticristo de saltos altos.

É o meu *karma*, por sucumbir às suas artimanhas pecaminosas. Mas contrair ébola coberto de varíola e a escutar repetidamente Celine Dion seria preferível e menos doloroso do que o que Juliet propõe que eu faça. O meu pénis enrola-se sobre si mesmo e retrai-se quando penso em tocar outra vez naquela galdéria.

– Doutor Mathews, concorda?

Concentro-me na desgraça à minha frente e tento voltar atrás, à última coisa que me recordo de ela dizer.

Blá-blá, urso. Blá-blá, de peluche. Blá-blá, papá.

Ponho os meus desventurados problemas de lado e junto os dedos debaixo do queixo.

– Gostaria de falar do seu ursinho. – Baixo os olhos para a diabólica bola de peluche, esperando que isto funcione porque não ouvi uma palavra do que ela disse. – Quem lhe deu esse pequeno... – animal atropelado, penso comigo mesmo, mas conformo-me com outro epíteto – esse pequenito?

Nós, seres humanos, somos criaturas muito expressivas e a mínima alteração nas expressões faciais em geral revela o que se esconde sob a superfície. E aquele momento não constitui excepção.

Quando o queixo da *Loira* começa a tremer, sei qual será a sua resposta.

– O meu pai. – Puxa o ursinho sujo para o peito, abraçando-o com força.

Como sabia que a resposta dela ia ser aquela? Bem, sei porque sou um homem. Nós, homens, somos uns magníficos sacanas. Se não lixamos as nossas filhas, então o filho de outra pessoa qualquer fá-lo-á por nós.

A ideia dá-me voltas ao estômago porque se o que Juliet diz for verdade e ela estiver grávida do meu rebento, então essa criança está condenada a transformar-se num sacana traiçoeiro ou numa cabra psicótica, manipuladora e marada.

O facto de Juliet ter dormido com metade de Manhattan ou mais, faz-me sentir um pouco melhor, no pressuposto de que essa pobre criança não seja minha. Mas se for...

Estremeço.

Não consigo lidar com isto. Preciso de me concentrar numa desgraça de cada vez. E a *Loira* a chorar e a explicar como o pai usava este ursinho como bode expiatório para lhe tocar de forma inapropriada não é uma delas.

Esta noite, vou jantar com Sebastian e Rachel na sua casa luxuosa em Westchester County. Gostei logo dos dois quando nos conhecemos há dez dias e, em circunstâncias normais, ficaria encantado por passar uma noite com os pais de Madison. Mas não há nada de normal no evento desta noite.

O telemóvel pesado no meu bolso atormenta-me, recordando-me que, há uns vinte minutos, recebi uma mensagem de texto da cabra horrorosa. Uma mensagem que destruiu qualquer esperança de que talvez estivesse a brincar.

Dizia *Tenho uma comichão que só tu podes coçar*. É uma expressão que já usou antes.

Mas, desta vez, eu respondi com Há um creme que podes comprar para isso.

Pensei, leva lá com isso, sua diaba afectada e presunçosa, mas ela mostrou logo quem mandava, quem governava este *show* de aberrações, quando contrapôs um segundo depois:

O único creme que quero é o que sai do teu caralho.

O romantismo está mesmo morto. Juliet Harte matou-o no dia em que abriu a sua boca venenosa e eu, todo contente, lá enfiei a minha pila.

Tiro os óculos e massajo com dois dedos a cana do nariz. Como porra vou fazer isto? Vou ter a mulher que adoro de um lado e a mulher que desprezo do outro, sem dúvida a tentar masturbar-me discretamente sob a mesa.

Estou lixado. O que não é nada bom.

– Está tudo bem, Tracey. Sabes que vai ser bom.

Ergo devagar a cabeça e fico desconcertado porque parece que Regan MacNeil de *O Exorcista*, pós-posseção, acabou de entrar no meu

gabinete. Aquilo com que me vejo defrontado apenas acentua o tipo de semana que tive.

– Senhora Kibard? – pergunto, recuando numa confusão total quando me deparo com o ursinho sem olhos em vez de a *Loira*.

O ursinho dança em frente da cara da *Loira*, todas as palavras pronunciadas com uma força indecorosa.

– Tracey não está aqui. Agora estás a falar com Johnny. Queres foder a ratinha dela?

– *Como?* – interpelo o... ursinho, horrorizado, mas também, em parte, divertido.

– Ouviste o que eu disse. Ela gosta com força. – O ursinho roda de forma vigorosa, só para sublinhar o que diz, caso eu não tenha percebido a perturbadora mensagem.

Passo uma das mãos pela cara.

Enquanto Johnny, o ursinho, fala com pormenores da infância de abusos de Tracey, vou-me afundando cada vez mais no meu assento. Mas escuto e finjo interessar-me porque sei que será a única coisa normal no meu dia.

– Podes tocar-lhe. Ela quer. – Parece que este urso não só consegue falar, como também é um chulo.

Oh, meu Deus!

Atiro a cabeça para trás, vencido.

O que fiz para merecer isto? No entanto, não é um isto, mas uma esta. E essa esta, ou deveria dizer *galdéria*, jogou melhor que este jogador. Superou-me no meu jogo. Um jogo que, tolamente, acreditei dominar.

Mas agora percebo que, durante este tempo todo, era eu que estava a ser levado. Caí nas suas mãos. E agora que as minhas bolas estão no campo dela, tenho medo do que lhes fará mal seja a sua vez de servir.